

REJANE VELHO FERREIRA

O melhor cachorro do mundo

Porto Alegre
Pragmatha
2018

Direitos autorais reservados.

Publisher: Sandra Veroneze

Editora: Pragmatha

Capa Artefinal: Luz Maria Guimarães

Revisão: Caroline Comunello e Mariana Schulz

Ficha catalográfica: Carla Maia Goulart de Moraes

Contato com a Autora

Facebook: <https://www.facebook.com/rejane.velhoferreira>

Facebook Sítio da Rejane: <https://www.facebook.com/sitiodarejane/>

WhatsApp: 51 99808 4432

Email: sitiodarejane@gmail.com

F383m Ferreira, Rejane Velho.

O melhor cachorro do mundo / Rejane Velho Ferreira. -- Por
to Alegre: Pragmatha, 2018.

180 p.; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-8434-067-5

1.Literatura brasileira – Crônicas. 2.Literatura brasileira – Rio
Grande do Sul – Crônicas. 3.Animais de estimação. 4.Cão.
5.Gato. 6.Relação homem-animal. I.Título.

CDU 869.0(81)-34

869.0(816.5)-34

CDD B869.8

869.987

Catálogo na publicação:

Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Sumário

Agradecimentos / 5
Dedicatória / 11
A escolha de Rejane / 13
O melhor cachorro do mundo / 17
Minhas motivações para esta obra / 19
Um pouco da minha história de vida / 24
A vivência com os bichos / 27
Quem eu sou? / 31
Meus ídolos / 36
Mãe de gêmeos / 43
Responsabilidades de mãe / 52
A educação dos filhos / 56
Gatinhos surpresa / 59
Mais dois – lotação esgotada / 59
Lulu por ela mesma / 63
O galo / 66
A família cresceu / 74
A casa ficou pequena. Hora de mudar / 81
A mudança – Parte 1 / 84
Casa provisória, com gosto de lar, doce lar / 86
Vida nova, marido novo / 89
A mudança – Parte 2 / 95
De volta ao bairro Humaitá / 97
A rotina (no ano de 2007) / 100
Zezinho, o ajudante de obras / 103
Anjos de mãos dadas / 106

Temporal de vento, chuva recorde, a queda do telhado e o coice de uma égua / 106
São Chiquinho / 115
Drenos / 117
A Vaca / 119
Nem só de cão vive o homem / 122
Dias difíceis não andam sozinhos / 128
Medo de barata/ 132
Lucky / 134
RIP (Rest In Peace): secadora de roupas GE 15 Kg / 136
Hoje chorei muito / 137
Um Dia de Fúria? Lúcifer? O suicídio da moça de Canoas / 139
É uma relação de amor, não de utilidade / 142
Nós só doamos animais inúteis / 147
Meu hóspede / 149
A depressão e a felicidade / 153
Saudade imensa de dormir agarrada ao meu marido / 157
E nossa casa virou Sítio da Rejane / 160
Visite nossa cozinha / 162

Agradecimentos

Aos meus avós Álvaro José Ferreira (in memoriam) e Osvaldina Mallmann Ferreira (in memoriam), cujo exemplo de respeito aos animais me foi transmitido desde os genes!

Aos meus cães: Kelly, Fofinho e Gato (este era o nome do meu cachorro!), os cuscos que tínhamos na casa dos meus pais.

Aos meus filhos caninos Pulga & Tonto, que me deram uma compreensão maior da responsabilidade de compartilhar a casa e a vida com outros seres vivos, cujo amor incondicional me ensinou sobre o amor por si mesmo, sem qualquer relação de utilidade! É provável que a Poderosa Pulga visse alguma utilidade em nós, mas isso é complexo demais para ser abordado aqui.

Ao meu ex-marido, Eduardo Merlin, por dividir comigo a paternidade da Pulga e do Tonto (tarefa bastante árdua, acreditem) pela participação incansável e por bancar as despesas da casa para que eu gastasse todo meu salário (e parte do dele) “ajudando” animais de rua.

À Denise Bastos, que salvou a vida da minha pequena Pulga, quando ainda era um filhote.

Aos meus pais, por todos os motivos do mundo, especialmente por terem me acolhido de volta à casa deles, no tempo em que acampamos lá com a filharada, antes da mudança para o sítio.

Ao Daniel, meu parceiro de causa animal, que sempre foi obstinado quando o assunto é resgatar e manter uma vida.

Às amigas Luiza Sesti, Magda Collares e Suzana Bracht pela

participação fundamental no início dessa história. As duas primeiras, de quebra, foram as ajudantes do destino, ao me aproximarem do Daniel.

Ao Sócrates e à Inês (in memoriam) por servirem de casa de passagem para os primeiros animais que resgatamos.

À Milene Martins pelo engajamento que me encantou e por ter me apresentado a Rosália, outra pessoa importantíssima nesta caminhada.

À Vladete, minha tia emprestada, minha amiga, meu primeiro espelho.

Às amigas e parceiras de Associação Duas Mãos Quatro Patas e de brechó: Karen Simador (minha amiga de infância), Caroline Comunello (minha primeira revisora), Aline Karpowicz, Graziela Ribeiro, Rosane Nauderer, Anete Schroeder, Regina Amrani (Regininha, para os íntimos), Conceição Espíndola (simplesmente Cris), Quil Cevallos (rainha dos anúncios, do site, dos cartazes) e João Luís Ferreira, Carla e Carlos Dietrich, Mariana Lock e Márcio Marc, Nanci Kistenmacher, Luciana Sauer (a Lu das bijus).

Às amigas Tiane, Josette e Lina.

Aos meus adoráveis voluntários: Lauro Mallmann Ferreira (meu pai, tio Lauro, vô Lauro), Terezinha Velho Ferreira (minha mãe, tia Tê, vô Tetê), Susana Velho Ferreira (tia Su) e Gustavo Lima (tio Gustavo), Mariana Schulz (Mari, minha queridíssima sobrinha e revisora), Felipe Velho Ferreira (tio Gordo, ao meu dispor, para trabalhos leves e pesados). Carmem Konzen (dinda, obrigada por tudo!). Amo muito vocês.

Ao Hamilton Gonçalves, um amigo-irmão que a zona sul nos deu. Parceiro para todo tipo de indiada ou pedido de socorro, um amigo raro, daqueles de valor incalculável. Meu motorista de ambulância favorito (seja para pessoas, cachorros ou gatos)!

À Patrícia Hauschild Hackmann, amiga para todas as horas. Apesar da deficiência auditiva profunda é quem melhor me escuta e entende. Te amo, irmã!

Aos parceiros veterinários que mais marcaram nossa história, pela ordem de entrada em nossas vidas:

- Dra. Kiana Fagundes - a primeira parceria a gente nunca esquece. O cão Joel sempre te foi grato!

- Dr. Delce Rosa - O Cara das castrações. A Princesa, que rebentou todinhos os pontos da cirurgia e cujas tripas a Vladete te entregou em mãos (literalmente), ainda na clínica do Parque Santa Fé, é minha memória mais destacada. A Princesa ficou ótima e viveu muitos e muitos anos.

- Dra. Silvana Branchina - a outra Cara das castrações. Só do lar de passagem da Vila dos Papeleiros foram uma centena de animais castrados. Muitas histórias... E uma importância difícil de mensurar na redução das populações de cães e gatos de rua.

- Dra. Sofia Wistuba - inúmeros diagnósticos, tratamentos, procedimentos. A rainha dos batismos: Doris Day, General da Banda, Janice, Darlene & Jaqueline e muitos outros. Contudo, o que nunca esqueci foi quando meus adoráveis filhos, Pulga, Tonto, Salsicha e Bela a fizeram refém em sua própria clínica, obrigando-a a abandonar o espaço do banho e tosa pela janela.

- Dra. Andréa Lumertz - parceria de atendimentos, procedimentos e eventos! Quantas tardes na praça Libanesa, quanta história para contar! O agradecimento especial fica por conta do Inédito!

- Dr. Vicente Moretti - numa quinta-feira à tarde, frio, chovendo, ele me ligou. Uma amiga havia dado meu telefone, para conversarmos sobre a possibilidade de uma parceria. Não lembro exatamente o ano, acho que era 2002, mas, por algum motivo, recordo até hoje da conversa com ele. Lembro de estar sentada na sala da casa do Humaitá, vendo meus filhos atirados no sofá e olhando a chuva pela janela. “Boa tarde, meu nome é Vicente Moretti, sou médico veterinário”. Talvez tenha me marcado tanto por ser a primeira vez que eu era procurada por um profissional propondo parceria. Novos tempos que se apresentavam! Vicente, meu amigo, o cara que me apresentou a este condomínio no extremo sul, lugar onde eu só havia passado uma ou duas vezes na vida. Uma década e meia de histórias, centenas de atendimentos e procedimentos, tantos que é difícil citar algum em especial. Uma amizade sólida que agora

se estende aos nossos filhos. Querido, obrigada por me ligar naquele dia! Te amo!

- Dra. Francine Hesse - Fran, saudades de ti! Mel Gibson e Mel Trapo nunca te esqueceram. E eu lembro de quando vieste aqui no sítio vacinar a criançada. Que festa!

- Dr. Valério Ouriques - baita profissional, cuja delicadeza no trato com as pessoas é marca registrada. Aquela clínica “chique” onde lembro de ter chegado lotada de piolhos, transmitidos a mim pela Pastora Belga que resgatei com filhotes num mato. Coisa mais linda de ver eu e aquela turma na sala de espera e a piolhada alvoroçada.

- Dr. Leonardo Mattis - super competente e com dicas sobre o uso de medicamentos genéricos como forma de reduzir o custo com remédios para os animais. Naquela época já eram muitos e comprar os de nomes comerciais mais conhecidos estava ficando caro demais.

- Dr. Juliano Dallago - além de incontáveis consultas e procedimentos, um grande amigo. Temos muita afinidade na forma de resolver situações. Gratidão por termos nos encontrado nessa jornada. Tu e o Léo salvaram um bocado de vidas para nós! Os agradecimentos vão em nome do Lobinho, da Maria do Relento e da Malu!

- Dr. Felipe Mancio - meu veterinário a domicílio. Dezenas de histórias, muita parceria, um baita “resolvedor de encrascas”! Ter colocado o maxilar da Ruth no lugar foi uma coisa surpreendente. E, também, foi contigo minha primeira experiência de levar as tripas de um cachorro em mãos. E, como sempre, foste ótimo. O nome dela é Huma (de Humaitá). Eu diria que te amo, mas não posso porque o Vicente é muito ciumento!

- Dra. Talita Susin - queridíssima, entrou na nossa vida muito antes de ser veterinária. Parceira de trabalho, descascou um bocado de abacaxis com o Felipe. Nossa gratidão pela amizade de tanto tempo. Guria certa, competente, direta, baita profissional, ela tem “olho clínico”, sabe?! Talita, te amo!

- Dra. Lisiane Kley, não tivemos muitos pacientes específicos, mas foram muitas visitas e uma bela parceria, que segue,

apesar da distância geográfica. A Mazinha e o Guardião sentem muita saudade!

- Dra. Suzana Nodari, a melhor dos melhores. Ela é tipo Santo Expedito, o das causas impossíveis. A rainha das encenecas, aquela que quase conhece o segredo da imortalidade. Te conhecer mudou nossa vida. Mudou o que sei a respeito de mim, me ensinou muito de tudo. Tu não és deste planeta, tua sapiência está além do que se pode calcular, tu és maravilhosa. Viva a homeopatia! Viva o teu conhecimento!

Aos meus fornecedores de ração, cuja parceria é vital para a manutenção da filharada.

- LojAnimal, meu principal fornecedor de ração de gatos. Nosso amigo e parceiro de muitos descontos.

- Comercial Pian, eles não são só parceiros, são amigos, fazem por nós o que alguns pais não fariam pelos próprios filhos. Irmãos Pian, vocês são gigantes, vocês são os melhores. Devo-lhes, eternamente, muito mais que minha penhorada gratidão!

Ao DC Shopping, pela parceria na realização e manutenção do brechó.

Aos meus parceiros, colaboradores, funcionários, minha família na zona sul:

- Super Mara: a primeira babá da criançada. Está na minha família há mais de 20 anos e, desde que nos mudamos para o sítio, é minha personal cuidadora!

- Família Medeiros: a matriarca Dona Maria Lady, as filhas Rosane, Janaína, Daiane, Raquel, Rozângela, Rozelaine e os netos Thamiris, Bruna, Rulian, Raira (e Bruno), Brenda (e Rovani), Cristine, Vitória, Carolyne e Gabriely. Além do Misael (o Jú).

- Núcleo Quaraí: Ronaldo, Eliza e Lucas.

Por último, mas não menos importante, aos amigos que, de alguma forma, ajudam no sustento dessa turma aqui do sítio.

Dedicatória

Dedico este livro aos melhores do mundo,
por ordem de chegada:

A meus pais, Lauro e Terezinha, o princípio de tudo.

A meu marido, meu parceiro, o super pai Daniel, e a
nossas maravilhosas filhas Amanda e Natália.

Aos animais que cruzaram nosso caminho e
transformaram para sempre a nossa história.

A escolha de Rejane

Por que é mesmo que a defesa da vida, do amor, da compaixão, da solidariedade e da generosidade deve ficar restrita a uma única espécie do planeta? Em que medida a vida, o bem-estar e o sofrimento de outros seres nos diz respeito? Se possuímos a consciência mais complexa do mundo tal como o conhecemos hoje, não temos o dever de colocá-la a serviço dos outros seres vivos? Essas são algumas questões que interrogam a nossa compreensão e a nossa vida prática cotidiana acerca da nossa relação com os animais e com a natureza de um modo em geral, colocando em questão quais são os nossos deveres como seres humanos em um mundo que não habitamos sozinhos.

A Declaração Universal dos Direitos dos Animais, aprovada pela Unesco em 1978, estabelece, entre outras coisas, que “todos os animais nascem iguais diante da vida e têm o direito à existência”. E diz ainda: “O homem, enquanto espécie animal, não pode atribuir-se o direito de exterminar os outros animais ou explorá-los, violando esse direito. Ele tem o dever de colocar a sua consciência a serviço dos outros animais”.

Em fevereiro de 2015, a Assembleia Nacional francesa aprovou um projeto de lei sobre a modernização do Código Civil, alterando o status jurídico dos animais no país, que passaram a ser reconhecidos como seres sencientes e não mais como propriedade pessoal como previa o antigo texto.

O reconhecimento dos animais como seres vivos, portadores de necessidades, afetos, desejos e vontades, e não como

coisas, é um passo importante para a espécie humana evoluir da posição que vê tudo o que a rodeia como algo a ser explorado e utilizado para satisfazê-la. Há vida fora de nós e a razão de sua existência não é nos servir. O surgimento desse tipo de preocupação com outras formas de vida, chegando ao nível da atribuição e reconhecimento de direitos aponta para uma ampliação da nossa consciência acerca do sentido da nossa presença no mundo, o que pode ser uma das condições para enfrentarmos as diferentes crises civilizatórias que vivemos hoje (política, econômica, social e ambiental).

No livro “A Vida dos Animais”, do escritor sul-africano J. M. Coetzee (publicado no Brasil pela Companhia das Letras), Barbara Muts, professora de Psicologia e Antropologia na Universidade de Michigan, diz que as suas pesquisas sobre as relações sociais entre primatas selvagens e golfinhos a convenceram de que “os limites que encontramos em nossas relações com outros animais refletem não as nossas limitações, como sempre pensamos, mas a visão estreita com que pensamos quem são eles e que tipos de relações podemos ter com eles”. No livro, ela relata a experiência que teve convivendo com babuíno no Quênia e, em particular com a sua cachorra Safi. Nesses relatos, ela pretende mostrar como é possível fazer amizade com pessoas não humanas.

Barbara Muts escreve: “Tratar membros de outras espécies como pessoas, como seres com um potencial muito acima de nossas expectativas normais, nos trará o que há de melhor neles, e que o melhor de cada animal quer dizer dotes imprevisíveis”.

No mesmo livro, Wendy Doniger, professora de História das Religiões na Universidade de Chicago, lembra uma afirmação do filósofo francês Emmanuel Levinas. Ele disse que o semblante do outro (humano ou não humano) diz: não me mate. Para Wendy Doniger, “essa é a linguagem que temos que aprender a ler, a linguagem que é negada pelas pessoas que defendem o direito de tratar os animais como coisas”. “Eles falam e nós recusamos conceder a eles a dignidade de serem ouvidos”, acrescenta.

Esse livro que você vai começar a ler agora narra a experiência de alguém que incorporou essas ideias e valores à sua vida e decidiu conceder essa dignidade a seres abandonados, ouvi-los, conhecer as suas histórias e dar nome a eles e a elas. Na leitura, conheceremos esses seres (cães, em sua maioria, e gatos) pelos nomes, um dos graus de dignidade que conquistaram. Alemão, Aretha, Aristides, Bela, Berê, Bohemia, Bola, Boxer, Branca, Bruninho, Cacau, Chuvinha, Cidão, Cidoca, Dóris Day, Duque, Euvira-Lata, Feijão, Flor, Fulístrica, General da Banda, Gorda & Gordinho, Janice, Jeca Tatu, Kenya, Lindinha, Lurdinha, Manu, Malú, Maria Joaquina, Mel, Nego Muller, Noivo, Pepozinho, Pit Bitoca, Pit Branca, Sandy & Junior, Tampinha, Thelma & Louise, Tininha, Tita, Toninho, Tonta, Urso, Veia, Boris, Cusquita, Felícia, Polenta, Punk... A lista é extensa. E segue aumentando.

É uma história de vida de entrega, cuidado, empatia, renúncia e sacrifícios. A vida de Rejane Velho Ferreira começou a tomar um rumo inesperado no dia em que abandonaram uma cadela prenha perto de onde trabalhava. Uma decisão estava sendo tomada ali. Diante de uma situação como esta, comentou em uma entrevista concedida a mim e publicada no site Sul21 em julho de 2015, as pessoas costumam dizer: “Alguém tem que fazer alguma coisa, só que não existe o alguém. Ou você toma uma atitude ou não toma. Eu me dei conta que alguém tinha que fazer algo por eles e esse alguém era eu”.

Em 2006, junto com o marido, Daniel, Rejane comprou um sítio de aproximadamente um hectare e meio no bairro do Lami, localizado no extremo sul de Porto Alegre. Na época, ela tinha dez cães e seis gatos e ele, seis cães e um gato. A ideia era encontrar um lugar com espaço e características especiais que pudesse dar uma maior qualidade de vida aos animais. O sítio adquirido na zona rural da capital gaúcha tinha muito espaço, mas nenhuma infraestrutura. Nascia ali uma experiência de cuidado de animais abandonados que se tornou uma referência nacional. Centenas de cães e gatos já passaram pelo sítio onde Rejane vive com Daniel e as filhas Amanda e Natália. Centenas seguem vivendo lá. Nas páginas a seguir, você conhe-

cerá a história de alguns deles e delas. E conhecerá um pouco das alegrias, tristezas, dificuldades e superações que marcam essa trajetória.

Para Rejane, cada “ninguém” que vive pelas ruas é uma vida importante, cada um é único e merece acolhida. Nos textos que publicou nos últimos anos em sua página no Facebook, ela relata inúmeros episódios de algum “ninguém” que foi resgatado da rua, ganhou atenção, alimento, um teto e uma comunidade para viver. Todos eles têm nome e história. Além disso, ela nos conta como as escolhas que fez impactaram o seu modo de vida. É um pacote inteiro de mudanças amarrado por um compromisso de entrega e cuidado. A ideia do livro é contar essa experiência de vida, falar de como Rejane decidiu que não adianta ter pena e ficar de braços cruzados esperando que alguém faça algo. “Quero contar a história de meus bichos e de como eles me influenciaram. Eles também foram e são importantes para o meu próprio resgate”, disse ela quando anunciou o plano de escrever esse livro na entrevista concedida em 2015.

A experiência de Rejane, apresentada neste livro, exemplifica aquilo que Barbara Smuts falou sobre as possibilidades que existem na forma pela qual nos relacionamos com os animais. Relembrando: “Tratar membros de outras espécies como seres com um potencial muito além de nossas expectativas normais, nos trará o que há de melhor neles”. A escolha de Rejane indica que pode trazer também o que há de melhor em nós, ampliando as próprias fronteiras e possibilidades do humano. E, vamos combinar, estamos precisando urgente dessa ampliação.

Marco Weissheimer
Jornalista

O melhor cachorro do mundo

Apesar da gestação de mais de uma década, eu tinha enorme dificuldade na escolha do nome da criança, ou do título do livro. Muitas ideias passaram por aqui, mas nenhuma me pareceu, de fato, interessante. Já na etapa final, quando não tinha muito mais tempo para esperar, eu estava deitada em minha cama, abraçada ao Rock, um mestiço de Dachshund que peguei na estrada, quando era um filhote muito sarnento e debilitado. E começamos a conversar, eu e ele!

O Rock é um fofo, faz as necessidades só na rua, não tem qualquer traço de agressividade, é super companheiro, extremamente sociável com outros animais, só dorme debaixo das cobertas e nunca foi de roer e estragar coisas. Fiquei conversando sobre isso com ele, que estava com a cabeça em meu travesseiro.

Lembramos do dia que o vi tentando atravessar uma estrada, atrás de outro cão de rua. O outro, maior, mais velho e mais esperto foi na frente e ele titubeou e por pouco não foi atropelado. Parei o carro, desci e o agarrei. Aquele corpinho coberto de feridas, logo se aconchegou no meu colo. Na época tinha uns cinco ou seis meses, e já era a coisa mais querida do mundo.

O melhor cachorro do mundo! É isso! Este nome! Em homenagem ao Rock e a todos os outros, cada qual melhor que o outro em sua categoria: o mais arteiro, o mais ágil, o mais

relaxado, o mais gordo, o mais vadio, o mais doido, o mais chato.... Ser o melhor do mundo não tem a ver com perfeição mas, sim, com o tanto de participação que temos na história um do outro. Estes que eram invisíveis nas ruas, que sobreviveram e recuperaram a dignidade, ganharam casa, abrigo, segurança e um nome!

O livro conta a nossa história, fala de amor e do sentimento maternal que me acompanha desde sempre e que me compele a abrir mão de mim em benefício de outrem. E, como mãe, tenho certeza de que meus filhos não são perfeitos mas, também, a convicção de que cada um deles é o melhor do mundo.

Curiosidades:

1) Este livro começou a ser escrito em dezembro de 2007, no computador. Depois que sucumbi ao smartphone (eu tentei resistir, chamava-o de stupidphone) passei a fazer tudo nele. Inclusive escrever longos textos. Boa parte desta obra, portanto, foi escrita num celular, usando teclado Swype/SwiftKey.

2) O preço de capa deste livro é de R\$ 37,50, valor que simboliza o custo médio para alimentar um cachorro, por um mês.

Desejo que a leitura de meus textos te proporcione momentos parazerosos!

Minhas motivações para esta obra

Faz tempo que eu brinco que vou escrever um livro. Tem dias que a inspiração me bate e, em muitos outros, sou atropelada pelo trabalho, pelos latidos, pela preguiça. Preciso dedicar um tempo para escrever porque me fará bem para a alma e porque, quem sabe, alguns outros animais de rua poderão ser beneficiados por essa iniciativa. Seja por despertar a vontade de adotar, seja por resolver agir em benefício de um ou outro que cruze seu caminho ou, ainda, porque a renda da venda dos livros pode nos ajudar a manter essa enorme turma que tem necessidades constantes de alimentação, tratamentos veterinários, vermífugos, anti-pulgas etc.

Resolvi começar quando recebi uma ligação rotineira, de uma pessoa querendo nos “doar” um cão que apareceu na rua. Filhote, coitado, colocado numa sacola plástica e largado na beira da calçada, com a pior das intenções. Esse tipo de coisa corta o coração e eu procuro ajudar prestando informações, mas sem me envolver demais. É uma forma de sobreviver ou de, ao menos, manter a parte que me resta de sanidade. Recebo entre 50 e 100 pedidos desses por semana. Não há o que EU possa fazer por tantos animais a não ser prestar informações a quem queira resolver o problema do animal, não o seu.

A pessoa me relatou rapidamente a situação, pois ligou para um celular e, provavelmente, não queria gastar demais em uma ligação telefônica. A propósito de ter ligado para um celular, não me perguntou se eu podia falar, não se desculpou por me ligar em um domingo de manhã, nem sequer perguntou - por

aquela educação que mamãe me ensinou - se estava tudo bem comigo. E se eu estivesse com dor de barriga, namorando, dormindo, debaixo do chuveiro, ou num velório? Sei lá, essas coisas acontecem com protetores de animais também.

Mas voltemos ao pobre filhote. Disse-me que era bem pequeno, não ocuparia muito espaço, podendo ficar em qualquer cantinho. Contou que já tinha um cão e que, portanto, era impossível abrigar outro. Ela só queria me dar o endereço para que fôssemos buscar; na impossibilidade de irmos imediatamente, ela “até poderia trazer”.

Expliquei que não era assim que funcionava, que não existia esse lugar que ela imaginava, capaz de acolher todos os milhares de animais de rua, tratá-los com dignidade, providenciar tratamento veterinário, castrar, vacinar, desverminar e encaminhar para adoção. Nós também sonhamos com isso e descobrimos, a duras penas, que entre o sonho e a realidade há um abismo, intransponível no curto prazo.

Em geral, as pessoas tentam nos convencer a assumir o problema dizendo: “mas é apenas um bichinho, vocês não podem abrir uma exceção?” Para ela, é apenas um, para mim é o vigésimo pedido, só naquele dia. Vinte exceções por dia são 140 no final de uma semana, 600 em um mês, 7.200 ao final de um ano. O que se faz com tantos bichos, uma vez que as adoções acontecem lentamente e não se tem recursos garantidos para o sustento dos animais?

Eu disse àquela senhora que poderíamos ajudar indicando serviços e o caminho a seguir para que o animal fosse encaminhado a uma família. Quando sugeri que fosse encaminhado para uma clínica veterinária para uma primeira avaliação, para que ficasse uns dias em observação, ela me respondeu que não tinha como, nem por quê, pagar as despesas de um cão que nem era dela. Quando eu tentava explicar que o cão era de ninguém e que, muito provavelmente, ela era sua única chance de ter uma nova oportunidade de vida, ela me interrompeu para dizer: “eu bem sabia que esse negócio de proteção aos animais não existia, é só para aparecer na TV!”

Acredito que quem se envolve com um animal de rua pela

primeira vez não sabe bem o que fazer diante da situação. Coloco-me no lugar dessas pessoas e procuro ser paciente em explicar como as coisas funcionam, qual a nossa realidade e o que ela pode fazer pelo animal. Eu nem penso que elas também deveriam se colocar no meu lugar, mas seria demais pedir que ouvissem a resposta que estou dando a perguntas que elas mesmas acabaram de fazer?

O ano de 2006 foi muito louco, 2007 foi um ano muito, muito, muito difícil. Agora estou feliz e parece que consegui voltar a me sentir eu mesma, mas estou cansada. Ontem a Rose não pôde vir trabalhar e eu me matei na faxina. Dormi pouco, dormi mal, acordei muito cedo. Meus braços doem muito pelo excesso de esforço e pouco descanso (sou de um tipo de gente que sente dores no corpo se não dorme o suficiente). Faz uns dias que estou ruim do estômago, não consigo comer direito, apesar de sentir fome. Uma virose boba que me tirou um dia todinho de circulação e me mandou para o hospital, onde recebi dois litros de soro e medicação intravenosa.

Essa é uma época em que muitas pessoas viajam e estamos aproveitando para receber hóspedes temporários. Além de gostarmos disso, é uma maneira de obtermos recursos extras para custear nossas muitas despesas. Está tudo ótimo, mas estamos trabalhando mais que a média (que já é alta) e dividindo o NOSSO quarto com seis cães e a gatinha da minha irmã, que está no banheiro da suíte.

Ousar levantar de madrugada para qualquer coisa é uma atividade que leva quase 30 minutos, pois sempre tem algum xixi ou cocô no caminho, alguma coisa fora do lugar, alguém que resolve acordar também e começar um tumulto. Se a proposta for sair do quarto, então, aí já se pode aproveitar para colocar mais coisas na lavadora de roupas (que funciona parelho conosco, quase 24 horas por dia), lavar alguma louça etc.

Nos últimos dois dias chegaram seis cães novos: dois hóspedes particulares (uma lady Golden Retriever e uma Pointer louquíssima); duas cadelinhas que eu recolhi da rua e vieram do veterinário (já vermifugadas, vacinadas, castradas); e dois novos moradores (o Brad Pitt, paralisado dos membros infe-

riores, cadeirante; e a Angelina Jolie, uma amiga que ele fez na clínica veterinária).

Apesar de estarmos acostumados à rotina e à quantidade de tarefas a realizar, é sempre difícil saber por onde começar. Mesmo quando estamos entre três ou quatro pessoas trabalhando desde cedo, ainda assim o ritmo é alucinante. Hoje tivemos trabalho extra, pois o Brad não consegue se controlar para urinar e defecar. Ele e a Angelina dormiram no banheiro dos gatos, um lugar que era, até ontem, a última de nossas preocupações em termos de prioridade de limpeza. Acordamos muito cedo, pois sabíamos que a casa estaria um caos. Além do trabalho normal, temos que integrar toda essa turma na matilha.

Mas pensem na situação da senhora que me ligou. Ela já tem um cão, como vai dar conta de abrigar outro por uns dias? E o pobre animal só precisa de um cantinho! Não tem cabimento que na minha casa não tenha um cantinho para abrigá-lo; ela até poderia “me ajudar” com alguma ração, se eu tivesse um mínimo de boa vontade. Aquelas palavras me foram atiradas como se fosse minha a culpa por todos os problemas da humanidade. Mas já aprendi que a maioria não está interessada em resolver o problema do animal, a maioria quer resolver os seus problemas tirando de seu campo de visão o que não lhe traz “bons fluídos”. Se eu não estivesse acostumada a essas chantagens emocionais, é provável que ela tivesse conseguido estragar o meu domingo. Mas não posso perder um precioso dia, preocupada com chantagens emocionais. Brad Pitt, Angelina Jolie, Mel Gibson, Doris Day, Jeca Tatu, Bia Falcão, Tiririca, Cora Coralina, Chita (a macaca), Xuxa, e outros famosos precisam de mim!

Um pouco da minha história de vida

Comecei a trabalhar aos nove anos de idade, vendendo lanche com meu irmão na empresa onde meu pai trabalhava - e trabalha até hoje. Nossa mãe fazia doces, salgados, café e suco, e nós levávamos tudo num carrinho de feira para vender. Meu irmão era um ótimo vendedor e eu era a cobradora! Depois expandimos nossas atividades, vendendo para as empresas que ficavam no caminho entre a nossa casa e a oficina do pai.

Com 10 ou 11 anos, comecei a trabalhar com o Tio Tony, fazendo recreação de festas infantis e participação em shows e eventos para crianças. Trabalhei na TV, viajei para vários municípios do estado e para Santa Catarina. Fui palhaça, Clarabella, Fada, Princesa, Peter Pan, Xuxa, Esqueleto, Catatau.

Lembro-me de estar viajando num 25 de dezembro, dia de Natal, para trabalhar como gente grande – ou seja, mediante o recebimento de cachê. Lembro-me, também, de uma chegada do Papai Noel, no Beira Rio, eu vestida de Catatau, numa tarde extremamente quente. Aquela fantasia pinicava e, então, coloquei um pijama de algodão por baixo. Eu suei tanto que, ao final da minha participação, tive que torcer a roupa que estava por baixo.

Trabalhei com o Tony e sua equipe dos 10 aos 18 anos. Eu estudava durante a semana e trabalhava sempre que me chamavam, especialmente aos finais de semana. De outubro a dezembro eu trabalhava todos os finais de semana, muitas vezes na sexta à tardinha, sábados (às vezes, em dois turnos) e domingos. O engraçado é que amigos que conheci muitos anos

depois, em algum momento, por alguma razão, descobriram em suas casas fotos suas comigo em um de meus personagens. Rejane, a celebridade (só que não)!

Aos 14 anos, acrescentei mais uma atividade ao meu currículo: comecei a trabalhar como Menor Auxiliar de Serviços Gerais no Banco do Brasil. Fui a segunda menina a exercer esta função no Rio Grande do Sul. Antes de nós, só meninos podiam ser contratados. Eu trabalhava de manhã no Banco (como auxiliar da secretária do superintendente), ia para escola à tarde (fiz o curso de Técnico em Contabilidade) e nos finais de semana trabalhava com a recreação (virava palhaça ou o que eu precisasse ser!).

Desde que comecei a trabalhar no Banco, eu e meus irmãos dividíamos a conta da luz da casa de nossos pais e também pagávamos em conjunto consórcios da Sharp, para adquirir aparelho de som 3 em 1, videocassete, TV a cores e tal. E, só desse tempo, já se passaram os tais 27 anos que a pessoa diz ter. Deixa essa parte das contas para lá, vai?!

Depois trabalhei na FIERGS – Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul, de onde me demiti por medo de enlouquecer. Eu vinha de um ambiente muito bom, com pessoas que haviam me ensinado muito, de tudo, e fui parar nas mãos de uma pessoa instável e agressiva. A gota d'água foi o falecimento do meu avô, quando, ao chegar no trabalho no dia seguinte, cansada, triste, a pessoa me recebeu de forma hostil e me chamou de irresponsável.

Embora tivesse direito, por lei, não fiz uso de nenhum dia de licença, pois tinha muita responsabilidade com o trabalho. Naquela época, eu era das poucas pessoas, fora da área de informática, que sabiam usar o computador. Eu era imprescindível para realizar certas atividades, como digitar informações num arquivo de Word Star. Eu sei, eu sou, praticamente, um dinossauro!!

Saí de férias, pensei, pensei, pensei, escrevi meu Pedido de Demissão em Caráter Definitivo e Irrevogável. Voltei de férias com o documento em mãos, pedi demissão e fui embora!

Eu havia passado no vestibular para Ciências Contábeis na UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, já tinha cursado o primeiro semestre e tinha fé que arranjaría um trabalho menos humilhante! Eu precisava trabalhar, pois, àquela altura, tinha assumido com meu ex-noivo 90 prestações de um apartamento na planta e tinha que honrar o compromisso. Passei por uma transportadora, uma imobiliária, pelo fimado Unibanco. E fui parar no SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas! No SEBRAE vivi nove anos memoráveis! Concluí a faculdade, casei (não com o noivo, mas com o namorado que conheci, trabalhando pelo Sebrae, nas dependências da FIERGS), fiz mestrado e muitos amigos, os melhores! Aprendi muito, viajei muito (a trabalho), me diverti também, “pra caramba. Ôh”!

Aos 29 anos eu pensei: eu ainda não tenho 30, não tenho filhos e não quero me aposentar aqui, sem viver outras experiências profissionais. Vou para o mercado de trabalho de novo, ver o que mais posso fazer, onde posso me realizar mais e encontrar, de fato, um novo sentido para o trabalho. E fui!

Trabalhei em uma multinacional de telecomunicações, em uma agência de publicidade, numa “fábrica de softwares”, numa entidade do terceiro setor. Ao ser demitida desta última, com prestações do sítio para pagar, uma casa em construção, tendo me divorciado há pouco, tentando reorganizar as contas e a vida, com um novo marido, uma gravidez recém interrompida (espontaneamente), eu era um montão de fragmentos, sem saber por onde “começar a recomeçar”.

Mudamos para o sítio em dezembro de 2006, doze anos de passaram, muitas coisas aconteceram e estou em permanente construção: como mãe, como filha, esposa, como cuidadora de animais, como empregadora (patroa!), como líder e, principalmente, como ser humano.

A vivência com os bichos

Não sei bem onde tudo começou, mas revendo imagens antigas me dou conta de que em muitas de minhas fotos estou acompanhada de algum ou muitos pulgentos. Lembro de gostar muito de cães e de me incomodar com o sofrimento deles. Tanto fazia se eram os meus ou não. Ver um animal doente ou machucado me partia o coração e, por vezes, me tirava o sono. Eu morria de pena!

Minha mãe e meu pai gostavam de bicho, não tratavam mal, mas também não mimavam. Minha avó materna não gostava deles muito perto dela. Nunca maltratou, mas também nunca teve um animal em casa. Dizia que bicho era bicho e que tinham que ficar em seu lugar. Meus avós paternos tiveram galinhas, coelhos, cabrito, porco, cachorros. Todos de companhia. Quando éramos crianças, meu avô costumava batizar sapos, lagartixas, grilos e outros bichos que aparecessem em casa, para que não tivéssemos medo, criássemos algum tipo de laço com eles e nunca nos passasse pela cabeça a ideia de matá-los.

Gatos nunca alguém da família teve. Gatos eram perigosos, traiçoeiros, individualistas. Quem vai querer ter um gato? Só uma louca que vivia na rua da minha mãe. Aquela era tão louca que tinha 8 cães e mais de 10 gatos. Um horror!

Lembro de ter tido dois ou três cães na casa dos meus pais. A Kelly, pretinha, completamente vira-lata, nasceu debaixo de nossa casa na praia e resolvemos adotá-la. Viveu pouco mais de 14 anos e, nesse tempo, teve pelo menos 100 descendentes.

tes diretos (seus filhotes) – todos doados para qualquer pessoa que aparecesse. O Fofinho, um filhote lindo, clarinho, que eu e minha amiga Tati Schneider resgatamos de um caminhão de resíduos, também na praia, pouco antes de ser esmagado pelo compactador de lixo. Eu tinha uns 9 anos na época. Muito debilitado, o pobrezinho morreu muito cedo, de causa indeterminada. E o Gato, que, apesar do nome, era um cão Ovelheiro lindo, preto, grande e que se recusava a ficar preso mesmo que fossem cinco minutos por dia. Não sei exatamente o que aconteceu com ele e é provável que o final de sua história em minha família é que tenha me motivado a trabalhar pelos animais abandonados.

Quando eu era criança, não tinha esse negócio de levar cachorro no veterinário. Parece-me que nunca foram vacinados, exceto com vacina anti-rábica em campanhas promovidas pela Prefeitura. Quando adoeciam, eram tratados com soluções caseiras e, nos casos gravíssimos, levados para o Hospital Veterinário. Banho a gente dava no verão, de mangueira e com sabão em pó! Só tomavam banho em outras épocas se tivessem rolado na carniça e o mau cheiro estivesse insuportável. Alimentação era à base de resto de comida, às vezes já passando do ponto (leia-se azeda). Não era por maldade, nunca foi. Era, simplesmente, o costume da época.

A Kelly teve algum tipo de problema no útero (agora imagino que tenha sido piometra) e, por estar muito mal, foi levada ao hospital veterinário. No dia seguinte minha mãe voltou para saber o diagnóstico e foi informada da necessidade, e urgência, de fazer uma cirurgia. Se o custo da gasolina para as idas e vindas ao hospital já pesava no orçamento da família, custear uma cirurgia estava completamente fora das possibilidades de meus pais. Apesar do vínculo familiar, do apego à cachorra e da barreira que enfrentaria com as crianças em casa, minha mãe acabou autorizando a eutanásia. Era financeiramente impossível pagar quase um salário mínimo por aquele procedimento. Nem para nós, as pessoas da casa, pagava-se consulta, exames ou procedimentos médicos. Não havia muito o que fazer pela Kelly.

Por sorte alguém ouviu a conversa de minha mãe com a atendente e decidiu que iria salvar aquela inocente e simpática vira-lata. Chamaram minha mãe para uma sala e explicaram que os estudantes poderiam realizar o procedimento – com a supervisão de um professor – e que, nesse caso, cobrariam somente o custo do material. O valor ficou bem mais baixo e possível de pagar e nossa querida cadela voltou para casa uns dias mais tarde. Ficamos muito felizes com a bondade daquele pessoal!

A Kelly, decerto, tinha cruz com felino e aproveitou muito bem cada uma de suas sete vidas. Sempre que viajávamos para praia ela ia junto, no reboque, num tipo de gaiola improvisada pelo meu pai. Numa das viagens de volta, com a estrada lotada de carros, ela escapou e ficou rodopiando no meio do asfalto, com os carros passando sobre ela. Um amigo viajava de moto, logo atrás, avisou meu pai, que encostou o carro e conseguimos resgatá-la, sem qualquer arranhão.

Depois disso, levou um tiro de um maluco que disse estar caçando passarinhos. Imagino que ela estivesse voando no momento em que foi baleada ou, no mínimo, estava pousada no galho de alguma árvore. Colocamos ela para dentro de casa e prestamos os primeiros (e únicos) socorros. Na manhã seguinte, um domingo, havia desaparecido de casa, deixando-nos como recordação o pátio coberto de sangue. Pensamos que o pior havia acontecido e que, como ouvíamos dizer na época, ela tinha ido morrer longe de casa, para evitar o sofrimento da família. Na manhã de segunda-feira ela estava de volta, completamente curada!

Na mesma segunda-feira, à noite, ela assistia minha irmã passando roupas, com o ferro ligado a uma extensão. Então resolveu que ia brincar com aquela “cordinha” e, na primeira dentada, ficou colada ao fio, eletrocutada. Meu pai correu para desligar o fio da tomada e para improvisar uma massagem cardíaca que salvou a vida de nossa cadela. Desse acidente ficou como sequela uma falha nos lábios, em formato de coração. Quando estava com a boquinha completamente fechada era possível enxergar alguns de seus dentes.

Morreu velhinha, cega, surda, caduca, com dificuldade de manter-se em pé por muito tempo ou para caminhar mais do que 10 passos. Comia pouco e não conseguia mais caçar camundongos, uma de suas atividades favoritas. Quando vimos que não tinha qualidade de vida e que a idade havia definitivamente chegado, decidimos pela realização de eutanásia. Coube ao meu irmão a cruel tarefa de conduzi-la em sua última viagem, ou para o começo de uma nova jornada. Quem sabe, né?!